

Deambulações e inquietações em torno do Auto da Sibila Cassandra

No dobrar do século, para mais se também o milénio dobra, o que acontece apenas pela segunda vez na nossa história de cristãos, tem sido gostosa prática de investigadores das letras (e não só, evidentemente) o cerco persistente a quanto tem a ver com profecias, sinais, conjecturas sobre o fim dos tempos. Não porque se trema pelo desabar do mundo (que sabemos nós disso?) mas porque mais naturalmente ocorre pensar nos que já por ele tremeram, nos que se julgaram capazes de o identificar e deram conselhos bons ou previram reprimendas definitivas.

Um termo, seja do que for, dá sempre que pensar, de pensar no que acaba, de pensar no que vai começar; de enfrentar limites, de antever mudanças. Assim, também em Portugal se tem assistido a um renovado interesse pela literatura apocalíptica, revisitando textos já conhecidos ou chamando (graças a Deus) a atenção para outros muito pouco conhecidos.

Contagiada por esta onda, busquei, no meu círculo de interesses habituais, material para entrar em comunidade com outros afeiçoados aos livros e aos autores e, uma vez ainda, cheguei a Gil Vicente. A Gil Vicente que não esperava com certeza que o fim do mundo chegasse nos seus dias, mas algo se preocupava com a vida depois desta vida, com a nova vida trazida por Cristo ao homem velho, com a vida bem vivida para preparar a eternidade que há-de vir.

Escolher o *Auto da Sibila Cassandra* foi uma opção entre outras; seduzem as figuras, os ritmos, as linhas temáticas, é verdade; mas, neste caso, também é verdade que, do auto, se pode partir para circuitos que o ultrapassam pelo que, embora já estudado, ele se oferece como manancial para algumas cogitações sobre este empenhamento na pesquisa e celebração de sinais de um futuro a aproximar-se ou de um futuro a acenar ao longe aos homens tantas vezes perdidos nas incertezas ou falsas certezas da sua mente¹. Ou seja, deste

¹ Independentemente de informações a recolher na vasta bibliografia sobre Gil Vicente, são especialmente úteis os estudos seguintes: Georgiana Goddard KING, *The Play of the Sibyl Cassandra*, in *Bryn Mawr Notes and Monographs*, II, Pennsylvania, Bryn Mawr College, 1921; Leo SPITZER, *The Artistic Unity of Gil Vicente's Auto da Sibila Cassandra*, in *Hispanic Review*, XXVII, 1959; I. S. RÉVAH, *L' Auto de la Sibylle Cassandra*, in *Hispanic Review*, XXVII, Philadelphia, 1959; María Rosa LIDA DE MALKIEL, *Para la Génesis del Auto de la Sibila Casandra*, in *Estudios de Literatura Española y Comparada*, 2ª edição, Buenos Aires, 1969 (há edição de 1984. Buenos Aires); Stanislav ZIMIC, *O Sentido Alepórico do Auto da Sibila*

texto, talvez se possa ainda dizer algo que não esteja dito mas o que *seguramente* se pode é dele caminhar para um (re)-aprendizado de conhecimentos que a memória é bem capaz de ter deixado escapar.

Pelo Auto da *Sibila Cassandra* pode-se sempre *deambular*, dele saindo e a ele regressando, fazendo muitas perguntas e tentando algumas respostas, marcando-lhe a originalidade e traçando-lhe parentescos, olhando para um antes e enxergando um depois.

Deambular é fugir da rigidez de caminhos traçados, permitir-se ziguezaguear sem demasiado constrangimento, estar à vontade numa comunicação que nos interessa e pode, por ventura, interessar a quem não esteja à espera de demasiada erudição ou de encadeamentos muito organizados na transmissão de alheias reflexões.

Cuidado, porém, porque se a deambulação é prática apetecida, algumas inquietações espreitam quem deste auto se avizinha. É que os tais rodeios que, em parte, refazem trajectos anteriormente trilhados, nos colocam diante de brechas que desaconselham a estabilidade das repetições acrílicas.

Ou seja, no seu conjunto, a bibliografia já produzida nem sempre tranquiliza; às vezes, inquieta. Pode, aqui e ali, ser abertamente lacunar, aqui e ali, de insegura validade. Pode autorizar-nos à conclusão (provisória) de ter sido Gil Vicente muito mais original do que nos ocorreria, pode, e esse é o seu contributo mais valioso, empurrar-nos para novas buscas que viabilizem soluções que (infelizmente) ainda não temos.

Assim sendo, para não cair em excessos que podem cortar de todo o fio da meada, pus nome às minhas andanças e arrolei as minhas incertezas, até porque, para mim própria, o registo de umas e de outras acabava por ser útil.

Precisei de cinco *deambulações* (mais alongadas umas do que outras) para dar a volta pelo que realmente se me afigurou serem os laços (não importa se inconscientes) do auto vicentino com a nossa comum sabedoria destas matérias de previsões e sua questionação.

Serão estas, ordenadas como segue.

1a: umas sibilas muito nossas conhecidas

2a: uma sibila chamada Cassandra

3a: um pretendente que não é pretendido e sua família

4a: uma dramatização de proveito e exemplo

5a: de Xabregas a Évora, passando por Espanha

Precisei de alguma coragem para desconfiar dos frutos do esforço alheio sem armas para os substituir. Por isso, de vez em quando, fui deitando achas na sempre discutível fogueira das interrogações.

A seu tempo surgirão com a timidez que lhes compete.

Umás sibilas muito nossas conhecidas

Dos começos das sibilas, daquelas mulheres sábias (ora jovens, ora, talvez mais frequentemente, idosas, mas sempre com o seu quê de estranheza) que, umas vezes, prediziam acontecimentos a vir (ou afirmavam tê-los predito) com alguma insistência nos de mau agouro, outras adiantavam precauções para os evitar, tudo numa linguagem que não primava pela transparência, não sabemos tudo mas o que sabemos basta para o nosso intento, que não é traçar-lhes a biografia a par e passo, mas recolher as pegadas de algumas que mais directamente vêm hoje ao nosso encontro.

Ao que consta, no início (quando exactamente? recuamos até uma filha de Dárdano e Neso? até uma filha de Zeus e Lâmia?), havia apenas uma, a Sibila, que rivalizava, de certo modo com a pítia de Delfos; depois, foi-se esta desdobrando à medida que as cidades iam reclamando traços da sua presença, e de uma Sibila nasceram várias sibilas, com nomes quase sempre de raiz local².

Parece certo que passaram da Grécia a Roma, dos romanos aos hebreus, do judaísmo ao cristianismo, por vezes com idênticas advertências a significarem factos diferentes.

Há quem as agrupe em três apartados: o greco-jónico, o greco-italico, o oriental, mas uma coisa é certa, as contaminações dificultam a discriminação de certas identidades, levam a cruzamentos, a sobreposições; e outra coisa é igualmente certa, das suas verdadeiras lições também muito ignoramos ou confundimos, porque os *Oráculos Sibílinos*, onde elas estariam mais ou menos fixadas, na forma em que hoje os conhecemos, foram reunidos (?) e acomodados por um *historiador* bizantino no século VI d. C., o que nos pode de imediato trazer a desconfiança de interpolações demasiado oportunas, de desvios no sentido de profecias que estavam no seu auge no século VI a. C., e, diz-se, já em tempos muito mais remotos, tinham alertado até para a Guerra de Tróia (finais do século XII a. C.).

² A informação geral sobre as sibilas foi especialmente organizada a partir de V. NIKIPROWETZKY, *La Troisième Sibylle*, Paris, 1970; Madeleine LE MERRER, *Des Sibylles a la Sapience dans la Tradition Médiévale*, in *Mélanges de l'École Française de Rome*, tome 98, 1986; Arnaldo MOMOGLIANO, *Dalla Sibilla Pagana alla Sibilla Cristiana: Profetia come Storia della Religione*, in *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, III S. 17-2, 1987; Peter DRONKE, *Hermes and the Sybils, Continuations and Creations*, Cambridge, 1990; Herbert William PARKE, *Sibille*, Génova, 1992. No entanto, não deixaram de ser úteis alguns artigos de Enciclopédias e Dicionários, como, por exemplo, o *Dictionnaire Apologétique de la Foi Catholique*, [...] sous la direction de A. D'ALÈS, 4^o ed., Paris, 1928.

Exactamente pelo seu estilo ambíguo, pelo propósito de não antecipar descrições mas lançar persistentes suspeitas e fomentar climas de tensão, era fácil trocar-lhes as voltas, fazer valer noutras direcções os seus inquietantes ensinamentos. O mesmo é dizer, agora sem *contágio sibilino*, que, em tempos de muita polémica entre cristãos e resistentes ao cristianismo, essas profecias se tornavam especialmente atraentes para prenúncios de acontecimentos em debate, como o nascimento de Jesus, a sua morte e ressurreição, o juízo final. As sibilas, a anunciar entre os pagãos, como os profetas entre os hebreus: a semelhança ficava traçada e veio para durar. Que o digam, muito nas artes visuais, e, ainda que menos, na literatura, as múltiplas realizações da *Ordo Prophetarum*, que todos nós já alguma vez admirámos³.

Vale, no entanto, a pena, até porque nesse sentido da reabilitação cristã das sibilas queremos avançar, recordar que os tais *Oraculos gregos*, na versão conhecida, aliás, com muitas marcas de intervenção de judeus do Egipto, estão hoje reunidos em doze livros, numerados de 1 a 8 e de 11 a 14; perderam-se os livros 9 e 11 e o 7 está particularmente mutilado; os dois primeiros completam-se e entre o 12, o 13 e o 14, ainda que escritos em épocas diferentes, há uma continuidade; os restantes foram redigidos sem intenção de relacionamento.

Para breve ideia de conteúdos que nos possam aqui interessar, chamemos a atenção para o facto de ser suposto que o número 3 se ocupa da Torre de Babel, que o 2, o 6 e o 7 têm certamente uma origem já cristã (o 6 é quase um hino a Cristo), que o 8 indicia a profecia do fim do mundo de que falará Santo Agostinho, e que, em todos os outros, repetimos, são detectáveis indicativos de interpolações.

Aos primitivos, consultaram-nos, pois, os gregos; os romanos, por seu turno, foram atentos consultores de uns *Livros Sibilinos*, de origem etrusca, conservados no Capitólio e, em boa parte, inutilizados pelo incêndio de 83 a.C., quando o templo ali situado ficou praticamente destruído⁴; uns e outros às profecias acorreriam, talvez reverentemente, como respostas escritas a perguntas inquietantes, ainda que as respostas (em verso hexâmetro grego, sempre), apenas na generalidade lhes pudessem aproveitar, porque o discurso se constituía mais como uma extensa narrativa que como uma indicação precisa a ter em conta. Complementarmente, hebreus e cristãos, talvez menos reverentemente, aproveitaram-nos em comum para a defesa do monoteísmo (especialmente

³ Será suficiente recordar os pórticos mais conhecidos das catedrais medievais para ter uma ideia da fortuna desta representação de profetas e sibilas.

⁴ Reza a história que uma velha sibila (de Cumas? de Eritreia?) vendera a Tarquinio (qual?) estes livros; perante a recusa inicial do rei, queimou três; os restantes ficaram no Capitólio e eram aí consultados. Depois do incêndio, houve tentativas de reconstituição dos textos perdidos. No conjunto, tinham eles uma finalidade mais apaziguadora do que alarmista.

importante, neste caso foi o contributo judaico) e os apologetas do Cristianismo para outros fins ainda, como atrás ficou aludido.

Deixámos claro que de Sibila se passou a sibilas. Na larga bibliografia, que as refere, ora se generaliza ora se particulariza, sendo que algumas sibilas nos aparecem muito mais frequentemente referidas.

Podemos recuar a Heródoto (século V a. C.) para aduzir a antiguidade de citações (uma Sibila), mas, porque, de momento, nos não interessam as listagens englobantes, vejamos, sem grandes pretensões de esgotar nomes, quem, de entre os antigos, se ocupou das três com que mais de perto iremos conviver, Eritreia, Pérsica e Ciméria⁵.

Que a primeira foi das mais importantes, não o ignoramos, até pelo lugar cimeiro que os artistas sempre lhe dariam ao longo dos tempos⁶. Já Heráclides Pôntico, filósofo platónico do século IV a. C., defensor da intervenção divina na ordem do universo, que intentava provar através de um tipo de especulação que não desprezava a fantasia, a distinguia de outras duas, chamando-a de Herófile, segundo ele, pelo nome que ela a si própria se dava; na lista de dez, coligida por Varrão (por certo, na sua *Antiquitatis rerum humanarum et divinarum*, de 47 a. C.), ela ocupa o quinto lugar e profetizou aos gregos que Tróia seria destruída e que eram falsas muitas das notícias poéticas de Homero; idêntica profecia lhe atribuirão Pausânias, nas suas curiosas observações sobre costumes e lendas da Grécia, e Eliano, o moralista que, apesar de sempre ter vivido em Roma, escolheu o grego como língua literária (ambos do século II).

⁵ Deixamos de lado a sibila Cumana e a sibila Tiburtina, apesar do seu inegável prestígio; da primeira se ocupa Virgílio, na *Encida* (descida de Eneias aos infernos para ver Anquises, livro VI) e na *Bucólica IV* (a tal que fala de um menino que trará a felicidade ao mundo e cuja identidade muito se tem discutido, tendo até sido admitido tratar-se de Cristo, o que hoje parece completamente fora de questão); à Tiburtina, de origem claramente romana, se atribui com muita frequência a clarificação do célebre sonho dos nove sóis (adiante se lhe fará nova referência) em que as alusões à Virgem e a Cristo aparecem praticamente explícitas. Nos nossos dias algumas achegas vêm sido aduzidas no sentido de engrossar esse corpus. Ler, por exemplo, entre muitos outros escritos úteis, *La Fin des Temps. Terreurs et Prophéties au Mores Age*, préface de Georges DUBY, Paris, 1982, e Jeanne BAROIN, Josiane HAFEN, *La Prophétie de la Sibylle Tiburtine*, in *Annales Littéraires de l'Université de Besançon*, Paris, 1987. A esta mesma sibila é com frequência imputada a revelação a Augusto (que teria querido saber se havia na terra homem mais importante do que ele) do nascimento do Menino Jesus envolto, com a Virgem, num círculo solar; o motivo teve grande popularidade nas letras e nas artes. A *Legenda Aurea*, de Jacobo de Voragine, refere-se também a esse arco à volta do sol, na Festa da Natividade do Senhor, e bem sabemos como ela foi lida e aproveitada por muitos. Gil Vicente, já o veremos, vai dar-lhe outra paternidade.

⁶ A sua figuração no Cordeiro Místico, de Van Evck, acompanhou a celebridade do retábulo.

Será, então, a vez de os autores cristãos, alguns deles Padres da Igreja e quase todos apologetas, se interessarem pelas sibilas; deixemos apenas com uma referência o *Pastor de Hermas* (século I), e a sua visão reconhecidamente equivocada (trocara a Igreja pela Sibila), os grandes defensores jurídicos dos direitos dos cristãos como Justino e o pseudo-Justino, aquele com umas *Apologias* que nos falam da destruição do mundo pelo fogo (século II), Atenágoras que mostrava conhecer bem o livro 3 dos *Oráculos*, Tertuliano, o grande escritor latino, S. Teófilo, que se interessava pela Torre de Babel (todos do século II) e Clemente de Alexandria, para muitos o primeiro sábio cristão, autor de umas *Stromata* (m. a. 215).

De Lactâncio (c. 250-d.317) diremos que lhe devemos, entre outros favores, o de ter recuperado e comentado, nas *Divinae Institutiones*, as anotações de Varrão sobre as dez sibilas, mas a Eusébio (c. 260-340) teremos de dispensar mais atenção porque, na *Vida de Constantino*, uma das obras fundadoras da historiografia eclesiástica, é já muito explicitamente com a sibila Eritreia que nos entretém.

Ao Imperador, atribui ele uma elogiosa apresentação da profetiza; nascida na sesta geração depois do dilúvio e destinada a servir Apolo, foi beneficiada com a verdadeira inspiração divina e revelou, em acrósticos, a história da vinda de Jesus; por certo conhecedor do livro 8 dos *Oráculos*, Constantino, talvez porque ela era a mais famosa das sibilas, reserva-lhe também a proclamação do dia do juízo⁷.

E, exactamente por esta proclamação, a ela recorrem outros autores cristãos, entre os quais o mais conhecido e glosado foi, por certo, o atrás citado Santo Agostinho, a quem também foi atribuído, embora levemente, um texto *Contra Judaeos, Paganos et Arianos, Sermo de Symbolo* que, segundo nos certificam os estudiosos que vimos seguindo, seria habitualmente lição na vigília do Natal⁸.

Para além de a profecias sibilinas se referir em *Contra Faustum*, XII, 15, delas se serve o Santo Doutor em *De Civitate Dei*, XVIII, 23, onde, aliás, mostra algum conhecimento de Varrão e de Lactâncio, cuidadosamente compilando (15?) sinais do juízo final, profetizados por uma sibila que hesita em chamar de Eritreia ou de Cumana; em seu entender, porém, na tradução latina vulgarmente conhecida, tais previsões estão incompletas; no original grego, 27 dos versos, que as contêm em maior número, apresentam a particularidade de um acróstico inicial com a preciosa conjugação de letras de *Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador* (assim, em versão portuguesa).

Ora é exactamente este acróstico que vamos encontrar em 27 versos incluídos no tal *Sermo de Symbolo, Caput XVI, Ex Sibyllinia vaticiniis*.

⁷ H. W. PARKE, *Sibille*, 195-196.

⁸ J. P. MIGNE, *Patrologiae Latinae*, Tomus XLII, Paris, 1886, 1117-1130.

Vaticinium Sibyllae, de perto seguidos de outros 17 que anunciam a paixão, morte e ressurreição de Cristo. A previsão da sibila (sem nome) encaixa-se agora numa ordenação de argumentos principalmente destinados a convencer arianos, judeus e pagãos dos seus erros, mas também dirigidos aos crentes para que, em noite tão santa (*Extirpata est superbia, introductas est humilitas*, fixe-se bem) se confirmem na sua fé, renunciando a Satanás e actualizando as promessas do baptismo. Aos arianos, apresentam-se as provas da igualdade das três pessoas da Santíssima Trindade; para os judeus multiplicam-se os testemunhos da sua própria lei sobre a vinda e as peculiaridades do Messias, comentando passos de Jeremias, Isaías, Daniel, Moisés, David e outros e anotando o facto de judeus terem sido Simeão e Zacarias, também eles pregociros da divindade de Jesus; para os gentios, de modo especial, se recorre aos já apontados vaticínios sibilinos, a todos os povos conjuntamente convocando para as manifestações *ex coelo, ex mari, ex terra, ex infernis*, relativamente à vinda e à vida do Senhor. A terminar o sermão, um apelo para devidamente discriminar bens terrenos e bens eternos e para o reconhecimento da Igreja como via única para a estes aceder.

E, se Santo Isidoro de Sevilha (século VI) das sibilas se não esqueceu, como delas se não esqueceram Vicente de Beauvais (*Speculum Historiale*, c. 1244) ou o responsável pelo *Ovide Moralisé* (século XIV), outros autores medievais, com explicitação de nome ou apenas de funções, em Eritreia pensavam quando, com o juízo final, se esforçavam por conduzir os crentes para as correctas veredas do Senhor.

Dois exemplos bastam.

Tomás de Celano, franciscano italiano de meados do século XIII, redactor de duas vidas de S. Francisco, legou-nos o célebre *Dies irae*, ainda hoje *sequência* na comemoração dos fiéis defuntos; ali, ao que diz, respaldado pela Sibila e por David, assegura-nos que, no fim dos tempos, ao som forte da trombeta, virá o mais rigoroso dos juizes (todas as faltas dos homens assentes num livro); no entanto, mais do que garantia de penas, apesar das alusões ao fogo dos condenados, é o seu comovido hino um convite à oração impetratória, um convite de quem acredita no primado da misericórdia divina, apesar de não arredar ameaças pertinentes.

Em *La Passione di Revello* (representação de 1492)⁹, diferentemente, é, com arrogância, a sibila Eritreia quem, com veste monástica e espada desembainhada, se desliga de um cortejo de doze e anuncia o fim do mundo e os seus prévios sintomas.

Que fique preto no branco (embora à laia de parêntese) que a Espanha, a França e a Itália conheceram, pelo menos desde o século X, manifestações do

⁹ Representação citada por Madeleine Le MERRER, *Des Sibylles*, 17-18.

canto da sibila (o canto da antevisão do dia terrível do juízo último, tal como profetizara o suposto Agostinho). Em Espanha, este canto viria mesmo a ser muito mais popular que qualquer cerimónia da *Ordo Prophetarum*, ao invés do que sucederia no resto da Europa.

Um curto mas cuidado estudo (com textos incluídos) chega-nos da Catalunha¹⁰ e reza que inicialmente o escrito latino constava de treze estrofes de dois hexâmetros, entre os quais se inseria o refrão; no século XIII, o original latino é vertido para as línguas vulgares e multiplicam-se as variantes linguísticas, cada qual com seu número de estrofes, mas muito próximas no sentido e no estribilho (*En lo jorn del judici venrà qui ha fet servici*, pouco mais ou menos). A primitiva melodia destas versões é, por ventura, do século XIV (ou ainda do XIII?) e maiorquina, mas nos dois seguintes desdobra-se também, cantando-se em quase todas as sés catalãs e perdendo progressivamente o ritmo gregoriano para ganhar o de toada popular.

Pode ter sido parte de uma mais ampla encenação de passos do mistério da natividade, mas foi a sós que conquistou favores, até que a contra-reforma a hostilizou; ressuscitou muito mais tarde e veio até aos nossos dias.

Sem pôr de lado a hipótese de uma similar representação se ter efectuado na área castelhana anteriormente, registemos, no entanto, que, aqui, apenas num manuscrito do século XV se nos depara a primeira informação (cantava-se em castelhano ou em latim?) e que notícias de uma adaptação em Córdova, em princípios de quinhentos, têm sido um tanto controvertidas¹¹.

De louvar (e imitar) são naturalmente todas as tentativas contemporâneas de reconstituição ou ajustamentos destas composições por orquestradores e cantores em (justificada) voga; a Montserrat Figueras e Jordi Saval, por exemplo, se devem meritórias actuações passadas a CDs, em França (*El Cant de la Sibila I* e *El Canto de la Sibila II*): estudo introdutório e letras facilitam o acompanhamento de trechos musicais que, esses, naturalmente, têm de ser escutados, permitindo-me eu duvidar de que haja quem, escutando-os, os não inclua nos álbuns da sua estimação. Ouvimos uma sibila galaica (Afonso X), uma sibila castelhana (Cuenca, século XVI), uma *sibil-la latina* (Barcelona, séculos X-XI, provavelmente a que nos é apresentada como a mais antiga), uma *sibil-la provençale* (Montpellier, séculos XI-XII) e uma *sibil-la catalane* (Urgel, século XV); ouvimos e desejamos ouvir de novo.

¹⁰ M. SANCHIS GUARNER, *El Cant de la Sibila*. Valencia, 1956.

¹¹ Nem sempre há acordo quanto a datas e relacionamento destas representações. Ler um breve resumo em Ana Ma ÁLVAREZ PELLITERO, *Teatro Medieval*, Madrid, 1990, 25-32. A propósito destas alusões ao dia do juízo, é interessante recordar a no 422 das Cantigas de Santa Maria, composição em que a intercessão de Virgem é solicitada para abrandar o rigor do justo juiz. Pela minha parte, lembro ainda que, em 1998, em Elche, num seminário sobre teatro medieval, escutei uma belíssima comunicação sobre este canto da sibila, em que também sobre a Sibila Cassandra se aduziam algumas interpretações; aguardo a publicação das actas.

Se um ou dois leitores deste artigo se dispuserem a desfrutar dos sons e das vozes, que me não canso de elogiar, estarei perdoada por não remeter para nota de rodapé este breve informe.

Para a sibila Ciméria, de origem italiana, guardava Varrão o quarto lugar, aceitando Névio (poeta e dramaturgo latino do século III a. C.) e Pisão¹² como fontes credíveis da sua existência, mas os estudiosos da matéria discordam da seriedade, sobretudo, da primeira; inclinam-se para uma invenção do poeta que, ciente da posteridade da fundação de Cumas (século XI a. C.) em relação à guerra de Tróia recusava admitir que a sibila Cumana, uma das mais célebres depois de Virgílio, mas que, atrás o afuirmámos, não está no circuito das nossas actuais preocupações, pudesse ter sido anunciadora de uma nova era para Eneias; esse papel caberia à Ciméria que, talvez pela razão apontada, muitas vezes com ela se confunde. E a sua missão seria, de facto, essa, em escritos posteriores: prever uma descendência.

Não obstante, pelo facto de só tardiamente nos aparecer, e de com muitas probabilidades nunca ter feito parte da tradição grega, não fica invalidada a hipótese de existência de uma qualquer lenda anterior ao poeta que passa por tê-la inventado.

E a Varrão voltamos para assinalar o primeiro lugar da sibila Pérsica, segundo ele e quantos o seguiram, a mais antiga de todas elas, profetiza das glórias mas também da morte trágica de Alexandre e a que, já em plena Idade Média, no século XI, seria a primeira a ver-se representada¹³. É, às vezes, confundida com Sambeta, a sibila caldaica ou hebraica (contributo bizantino) e os seus vaticínios dos desastres de Alexandre bem poderiam ter sido especialmente gratos aos gregos.

Está naturalmente fora de questão que Gil Vicente soubesse da existência destes textos ou, pelo menos, que a alguns tivesse consultado, excepção feita para o tal sermão do pseudo-Agostinho, a tomarmos por inquestionável o que sobre a sua difusão nos é dito.

E, no entanto, não deixa de ser curioso verificar que estava dentro das especializações de cada sibila, certamente como muitos dos seus

¹² Lúcio Calpúrnio PISÃO viveu no século II a. C. e deixou uns *Anais* onde recolhe acontecimentos que vinham desde as origens de Roma até aos seus dias.

¹³ Encontra-se, no século XI, entre os profetas na Igreja de Santo Ângelo, em Formia.

contemporâneos, numa época em que as míticas figuras femininas tinham voltado a estar de moda.

Aportuguesadas (ou hispanizadas?) em Eruthea, Cimeria e Peresica, lá estão as três, que mais de perto observámos, a dar corpo e voz às tias de Cassandra, com funções delimitadas, apesar de concordes na incómoda tarefa de quererem à viva força casar a empertigada sobrinha.

1ª inquietação

A que outros materiais, cultos, folclóricos ou apenas dos que passam de boca em boca, terá o nosso dramaturgo tido acesso para assim ser capaz de separar águas em terrenos tão movediços?

Lá estão as três sibilas, dissemos. Mas acrescentemos: lá está Ciméria a acumular pormenores sobre o nascimento de Cristo, lá está Eritreia a catalogar indícios do fim do mundo (por sinal, bem diferentes dos de Santo Agostinho), lá está Pérsica a antecipar as dores futuras daquele menino¹⁴.

Ficamo-nos com o impacto do sermão? Pensamos em Tomar e nos Jerónimos e ficamo-nos com um vago fundo comum de conhecimentos?¹⁵ Ou partimos à procura de alguns aditamentos?

Uma sibila chamada Cassandra

Não por desprestígio, mas por respeito, se deixam frequentemente para o fim a genealogia e os avatares das personagens mais importantes de um elenco; é por isso que só agora nos confrontamos com Cassandra, a protagonista do auto que nos despertou para estas deambulações.

Dela muito temos ouvido dizer a gente tão bem cotada como, em inesquecíveis versos épicos, o(s) pai(s) da *Iliada* e da *Odisseia* (cantos XIII e XI, respectivamente) e Virgílio (*Eneida*, livro II, o do saque e ruína de Tróia), em não menos lembrados versos líricos, Píndaro (IV *Ode Pítica*, c. 500 a. C.) ou Ovídio (n.43 a. C.), numa das cartas das *Heroides* (a carta de Páris a

¹⁴ Esta chamada de atenção para as dores antecipadas do Menino é muito frequente em textos literários e na iconografia. Um interessante contributo para alguns aspectos da cronologia desta insistência é-nos dado por Juan Antonio SÁNCHEZ LÓPEZ, *Contenidos Emblemáticos de la Iconografía del Niño de Pasión en la Cultura del Barroco*, in *Actas del I Simposio Internacional de Emblemática*, Teruel, 1991.

¹⁵ Quase todos os estudiosos do auto referem esse contacto entre o texto e os portais dos Jerónimos (sul) e de Tomar, praticamente seus contemporâneos, o de Tomar tem a particularidade de associar uma sibila a Salomão; em Lisboa, as sibilas são talvez Eritreia e Europa, mas interpretações recentes inclinam-se para figurações de santas (Ier, José da Felicidade ALVES *O Mosteiro dos Jerónimos*, I. Lisboa, 1989).

Helena), onde as juras de amor se deixam manchar pela maldição do castigo que arrasará Tróia¹⁶.

De uma sua obscura profecia, ouvida e transmitida pelo guarda da torre em que fora encerrada, se ocupa todo o poema *Alexandra*, de Lícofron (séculos IV-III a. C.), que, em 1474 trímetros iâmbicos, nos relata a ampla antevisão dos males desencadeados pela caminhada de Páris para Esparta, sem tréguas para gregos e troianos até ao advento de Alexandre. Texto de inegável interesse histórico, a *Alexandra* oferece ainda o interesse de ser a única obra completa de Lícofron que até nós chegou e um dos mais elucidativos modelos do preciosismo alexandrino.

Pela minha parte, porém, são sobretudo os grandes trágicos que recordo e, entre eles, Ésquilo, do *Agamemnon* (458 a. C.) e Eurípedes, d' *As Troianas* (416 a. C.), autores e dramas tantas vezes retomados, mas nunca reconhecidamente aprimorados por contemporâneos ou modernizadores.

No *Agamemnon*, Cassandra acompanha como escrava-concubina o rei vencedor; entrado este no palácio, onde traiçoeiramente encontrará a morte, do seu carro triunfal, ela prediz, arrebatada e ameaçadora, tão desvairada como segura da inevitabilidade das suas predições (que o passado recente se encarregara de autenticar), o hediondo assassinio do monarca e o seu próprio, às mãos de Clitemnestra, e a consequente vingança de Orestes. N' *As Troianas* recuamos no tempo e ouvimos os seus queixumes de adivinha delirante a pontuar as lamentações da desditada Hécuba, entregue à servidão de um himeneu que lhe reserva desdita igual à de Agamemnon, de quem era ao mesmo tempo cativa e cativadora.

Esta era, pois, a Cassandra da tradição clássica, aquela de quem ainda podemos acrescentar que, sempre virgem (fixemos), servira no templo de Apolo, a virgem que o deus amara e que com ele não quisera fazer amor, a virgem a quem, ressentido, ele dera o dom da profecia recusando-lhe o de se fazer acreditar.

É talvez a Cassandra que melhor conhecemos, que aliamos a outras mulheres que a antiguidade nos legou como paradigmas, que, ao longo dos séculos, descobrimos, sempre que, acomodados a novas molduras, homens de cultura e engenho refazem entusiasmados os retratos míticos herdados de um passado heróico que perdura.

Nesta pensamos quando a ouvimos nomear, quando aquela terrível guerra entre gregos e troianos ressurgir do pó dos tempos e uma vez ainda nos vem intimidar.

¹⁶ O elenco das obras onde aparece a figura de Cassandra é particularmente preciso em *Paulys Real-Encyclopadie der Classischen Altertumswissenschaft*, vol. 1, Georg WISSOWA, 1894.

É bem possível que Gil Vicente destes relatos não andasse inteiramente alheado, mas a sabedoria chegava-lhe talvez mais naturalmente por outros canais; não era leitor assíduo dos trágicos antigos e dos líricos bem pouco aproveitaria.

Que conhecia Cassandra não há dúvida, que a apreciava, parece certo, que dela se serviu para apontar defeitos e premiar virtudes, é óbvio¹⁷.

É de admitir que a intimidade lhe tenha vindo, todos os seus muitos estudiosos-admiradores assim pensam, por via da matéria troiana, muito difundida, apreciada e imitada, no ocidente europeu desde que, entre 1155 e 1165, Benoît de Sainte-Maure publicara o seu *Roman de Troie* (acontecimentos entre o roubo do velo de ouro e a morte de Ulisses), poema bem ao gosto medieval apesar das ligações à época clássica, passadas do grego para o latim.

De uma sua versão latina em prosa se deve ter feito uma tradução portuguesa, se fez uma galega, a mando de Fernão Peres de Andrade, hoje muito acessível (ou terá esta decorrido de anteriores castelhanas?)¹⁸ e se fizeram, seguramente, várias em castelhano, com muitas edições no século XVI, que também por cá andariam; isto sem esquecermos que o próprio texto em verso de Sainte-Maure pode ter circulado na Península, como deixam entender vários parágrafos da *General Estoria de Afonso X* e que é provável ter ele sido passado ao galego ou ao português, em trabalho infelizmente perdido.

Seja como for, com uma *Crónica Troiana* ou uma *História Troiana* (a designação não parece, para este efeito, ser significativa de diferenças) estavam acostumados os nossos escritores de quinhentos, entre os quais teremos de incluir o dramaturgo da corte.

Vejam, então, se, na recentemente editada *Crónica galega*, sem riscos de maior de outro ter sido o texto a circular por estas bandas (se existiu dele seria irmão), sinalizamos as aventuras da heroína que hoje perseguimos.

Não é tarefa difícil nem de todo dispicienda.

É verdade atestada que, nela, Cassandra, em corpo e alma apresentada como [d] *tã grãde que assaz lhe auõdaua e moy sabedor enas artes e negromãcia*¹⁹,

¹⁷ Além de dar o seu nome a uma das protagonistas da *Farsa das Ciganas*, atribui-lhe a função de esclarecer Augusto sobre a Encarnação, no *Auto da Mofina Mendes* (ver nota 5) que, em meu entender (e não só) é da *Sibila Cassandra* um claro complemento. Ler. de Eugenio ASENSIO, *El Auto dos Quatro Tempos de Gil Vicente*, in *Estudios Portugueses*, Paris, 1974, e Maria Idalina Resina Rodrigues, *Dos Salmantinos a Gil Vicente: as Celebrações do Natal*, in *De Gil Vicente a Lope de Vega. Vozes Cruzadas no Teatro Ibérico*, Lisboa, 1999.

¹⁸ Sobre a difusão desta matéria troiana na Península Ibérica, consultar os trabalhos, nem sempre concordes, de Ramón LORENZO, *Crónica Troiana*, A Coruña, Real Academia Galega, 1985 (estudo e edição do texto que seguiremos), Giulia LANCIANI e Giuseppe TAVANI (organização e coordenação), *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, 1993, e Irene Freire NUNES (coordenação), *Coronica Troiana em Linguagem Portuguesa*, Lisboa, 1996.

¹⁹ Ramón LORENZO, *Crónica*, 278.

figura no primeiro plano de algumas sequências, sempre como profetiza das desgraças a vir; desaconselha o rapto de Helena, maldiz o seu casamento com Páris, condena o acolhimento à nora por parte de Priamo e sobretudo de Hécuba, visiona a morte dos familiares, chora a derrota que tem como certa, adianta a morte de Agamemnon e a desforra de Orestes. Pelo seu pessimismo chegou a ser castigada (encerrada em casa) mas, afinal, tinha razão e muitos pagaram com a vida o desatendimento dos seus catastróficos dizeres²⁰.

Dela se repete que sempre fazia *grã doo*²¹, apavorava homens e mulheres, mas não conseguia que eles fugissem das desgraças que os espreitavam; a voz era escutada, suscitava vagos temores, mas não alterva atitudes porque o seu pensamento era desuariado dos outros²².

Desvairada a Cassandra da *Crónica*, acusada de muitos desvarios, a Cassandra vicentina; uma herança ou uma coincidência de linguagem, indicação de parentesco ou acaso instigador dos curiosos destes e de outros relacionamentos?

Mesmo sem (ainda?) pôr em causa o conhecimento da *Crónica*, manda a verdade que se lembre que, como sibila, a jovem troiana entrara também na tradição medieval através do *Livre de Sybille* (entre 1139 e 1148), de Philippe de Thaon, que, num rol de dez (dez viriam a ser, uma vez mais, as sibilas no *Ovide Moralisé*, do século XIV, e dez eram, anteriormente, no *Speculum Historiale*, de Vincent de Beauvais, c.1244), lhe destina o sexto lugar, sem comentários, mas com a interessante (para nós) particularidade de anacronicamente a fazer contemporânea de Salomão²³; e mais manda que se recorde que, embora sem o mesmo nome, uma filha de Hécuba e de Príamo era reconhecida como sibila por outros autores medievais; confundida com a Tiburtina, ela forneceu aos sábios romanos (incrédulos) a chave para a compreensão do célebre sonho dos nove sóis que a todos eles atormentara, prevendo entre outros acontecimentos a virgindade de Maria, o nascimento, vida e morte de Cristo; assim rezara, entre outros escritos, um *Sibylinorum verborum interpretatio*,

20 Ramón LORENZO, *Crónica*, 250, 262, 366, 649, 661, 663 e 681.

21 Ramón LORENZO, *Crónica*, 681.

22 Ramón LORENZO, *Crónica*, 278.

23 Madeleine LE MERRER, *Des Sibylles*, 21, aponta para várias lendas italianas que aceitam a contemporaneidade de Salomão e de uma sibila, com quem partilhou a sabedoria, e chama a nossa atenção para o facto de, em algumas delas, ambos serem irmãos (não se trata, aqui, da rainha de Sabá).

atribuído a Beda (633-735), assim rezaria, muito depois, um *Mirabilis Liber* do século XV²⁴.

Cassandra, com o dom incompleto da profecia (anunciava mas não era acreditada), como asseveravam os mais antigos e repetia a medieval *Crónica Troiana*, Cassandra muito facilmente vertida de profetiza em sibila (afinal, as sibilas profetizavam e nem sempre eram concordes as indicações sobre o seu número e sobre a sua identidade), Cassandra *convertida* em sibila-pastorasabichona (aguardava a vinda do Messias, mas de si própria presumia mundos e fundos, sem fundamento) por um grande dramaturgo português da era de quinhentos.

Cassandra-meio cultivada, meio-presunçosa, insistamos: a ideia teria vindo sem mais a Gil Vicente?

Talvez não. Pelo menos, de sibilas convencidas de merecimentos para serem mães do Salvador, ainda nos falam algumas lendas sicilianas actuais que o rodar dos tempos multiplicou primeiro em variantes para depois declaradamente restringir²⁵.

Se sobre o manancial folclórico primitivo muito se não pode infelizmente adiantar, pode, pelo menos, ter-se em atenção que um texto impresso e muito difundido, *Il Libro del Famosissimo Guerrino detto il Meschino*²⁶, do jogral-recitador Andrea da Barberino (n. c. 1370), livro de espantoso êxito entre os muitos apreciadores dos romances de cavalaria daqueles belicosos idos, com particular relevo para a sua pátria natal e para a Espanha, onde foi traduzido em 1512²⁷, bem pode ter dado uma ajudinha para o acolhimento peninsular da fantástica historieta da sibila orgulhosa (e reforçado outras como a das árvores do sol e da lua, a do Preste João das Índias e a do Purgatório de São Patricio)²⁸.

²⁴ Ver bibliografia indicada, sobretudo *La fin des Temps e La Prophète de la Sibylle Tiburtine*. Releer a nota 5.

²⁵ Em algumas destas lendas, a sibila teria sido mestra da Virgem, e ao aperceber-se de que, num livro que esta frequentava, havia algumas indicações que levavam a pensar ser ela a mãe escolhida, tentou, inutilmente queimá-lo. Informação em Madeleine LE MERRER e em Ma Rosa LIDA DE MALKIEL.

²⁶ Aparecem títulos ligeiramente diferentes para a mesma obra.

²⁷ A versão de 1512 parece andar perdida. Na BNL encontra-se uma sua edição 1527, *Comiença el libro primero del noble: esforçado e muy virtuoso cauallero Guarino mezquino*. Apesar deste título fornecido pelo catálogo a obra está completa; a edição é de Juan Varela e de Sevilla (cota: F 7004). Foi este o texto que consultei.

²⁸ Ver artigo citado de Maria Rosa LIDA DE MALKIEL. Em 1992, Ma Nieves BARANDA LETURIO apresentou na UNED de Madrid uma dissertação de doutoramento (ainda não publicada)

Passemos às notícias do (pouco) que, do seu extenso percurso narrativo, nos importa.

Levado pelo imparável desejo de conhecer os seus verdadeiros pais, Guerrino entra em diálogo com um velho adivinho que, sem ter solução para o seu problema, lhe sugere uma consulta à sibila Cumana com inóspita morada numa montanha dos Apeninos (livro IV). Cavalgando por montes e vales (sobretudo por montes e muito ásperos), aproxima-se o jovem do local indicado e, apesar dos conselhos para em contrário proceder, ciente já de que viria a deparar com uma perigosa, embora sabedora, sibila, avança para a sua cova²⁹; nesta cova, não o ignorava já o Meschino, usufruía ela de muito conforto mas não de tranquilidade de consciência porque, na realidade, ali padecia o justo castigo de se ter achado digna de que Deus nela incarnasse, tendo para isso preservado a sua virgindade e caído em desespero ao saber que fora Maria a escolhida.

Muito formosa e senhora de cativantes feitiços, a sibila não consegue, porém, que o nosso cavaleiro ceda à luxúria (devidamente se fortalecera ele) nem acertadamente o esclarece sobre o paradeiro paterno porque, mesmo muito sabendo do passado e porvir dos homens, ela não sabe o que está no *coração*³⁰ e é, afinal, o mais importante (livro V).

Para nós, no entanto, pesquisadores que somos de *Sibilas Cassandras*, tem este episódio, para além do interesse de nos apresentar a quem vaidosamente (bem acentuada está a falta de humildade) admitia ser morada do Verbo incarnado, a utilidade de nos fornecer mais uma lista de profetizas em que a terceira é Afrecia ou Cassandra, anunciadora da destruição de Tróia. Entre as restantes está a interlocutora de Guerrino, a Cumana, em sétimo lugar, e Eritreia, a *mais perfeita*, em quinto³¹.

Moral da nossa história: uma sibila que o orgulho perdeu aponta, num elenco de dez, uma sibila de nome Cassandra. A tradução espanhola de Andrea da Barberino, de 1512, pode ter dado pistas a Gil Vicente? O auto em questão é, parece, de 1513³².

com estudo e edição do texto de 1527; nela acentua a influência da obra na Península, mas receia comprometer-se no caso de Gil Vicente.

²⁹ Era habitual morarem as sibilas numa cova de difícil acesso. Gil Vicente não ignorava tal particularidade porque a covas sibilinas se refere no *Auto da Exortação da Guerra e no Auto da Lusitânia*. Na *Romagem de Agravados*, porém, pensa na sabedora sibilina e apresenta o paço como escola sibilária.

³⁰ Por estas ou por outras palavras, a expressão é muito repetida.

³¹ A importância de Eritreia fica devidamente pontuada; ela é, neste rol, a verdadeira *sábia*.

³² O problema da formação cultural de Gil Vicente tem sofrido revisões. Vale sempre a pena visitar Paul Teyssier, *Gil Vicente-o Autor e a Obra*, Lisboa, 1982. Contributos com muito se interesse se encontram em J. A. Cardoso BERNARDES, *Sátira e Lirismo. Modelos de Síntese no*

2ª inquietação

Não se trata de secundarizar o envolvimento dos escritores portugueses e espanhóis com a tão divulgada matéria troiana; ele está consistentemente demonstrado, os estudos somam e seguem e lá está a *Tragicomédia da Exortação da Guerra* (1514) para os apoiar.

No entanto, é impossível resistir a uma reflexão (talvez importuna e sem consequências) sobre a reduzida dimensão do papel de Cassandra na *Crónica* que acabámos de citar.

Na realidade, ela não protagoniza um único episódio, seja ele bélico ou amoroso; não influencia nem trava o rumo dos acontecimentos; se se distingue de Hécuba, de Andrómaca ou de Policena é apenas por ser menos significativo o seu impacto nas decisões de gregos e troianos.

Pressagia e chora sobre o cumprimento dos seus presságios, adverte e lamenta o insucesso das suas advertências; as suas falas, arrastadas e repetitivas, assemelham-se a prantos líricos embrechados numa movimentada narrativa.

Porque tanto motivaria então esta Cassandra um homem de teatro que, se conheceu o texto (há um texto impresso desde 1490) ou oralmente o recolheu, tantos outros filões mais chamativos nele poderia encontrar?

E que diferente desta, a sua bem humorada e refilona protagonista...

Contentamo-nos com o redobro da sugestão de um nome que não era já desconhecido? Admitimos a hipótese de outras leituras? Por tudo responsabilizamos o talento inventivo e inconformista do mestre-dramaturgo?

Quanto ao nobre, esforçado e virtuoso Guerrino, tanto assim terá impressionado Gil Vicente?

Possível é, mas (cá vamos contrariar mais uma vez a tendência geral) não percamos de vista que a virgindade e o orgulho da sibila por ele consultada (a Cumana) nos saltam aos olhos (e à vontade de encontrar semelhanças) quando, como acabamos de fazer, se isola o fragmento textual que ambos protagonizam; no conjunto da larga novela de cavalaria são quase completamente irrelevantes.

Quantos leitores terão especialmente atentado neste curto passo, sem que antes alguém os tivesse alertado para o convencimento punido desta adivinha enclausurada?

Que falta então dizer sobre esta Cassandra à moda quinhentista portuguesa? Algo de muito importante: que se arrependeu e pediu desculpas. Para tal, porém, precisava o seu criador de se abeirar de ditos alheios ou de escritos muito em voga?

Claro que não. Era noite de Natal. Noite em que cessam as querelas e se faz a paz. Noite em que o arrependimento confrange e se perdoam os pecados. Noite em que a humildade vence o orgulho.

Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles, diz o Magnificat.

Um pretendente que não é pretendido e seus familiares

Faz, sem dúvida, pensar em algumas composições espanholas anteriores, o irritante menosprezo da pastora Cassandra pelo pastor Salomão; já isso foi notado, embora algo possamos reunir da nossa lavra ao que tão acertadamente está escrito³³; e de tal nos não admiramos porque bem estamos cientes do quanto o nosso autor aproveitava (e melhorava) alguns achados dos vizinhos aqui do lado.

Em quatro cantigas de serrana, ao repensar, entre folgazão e meditativo, amores passados (quinze mulheres, nada mais nada menos, cortejara ele), o Arcipreste de Hita, retrata pitorescamente, no *Libro de Buen Amor* (1330 e 1343) quatro camponesas que, ao passar por serras inóspitas, lhe saíram ao caminho; com elas, embora interessadamente, procurou ser cortês e até fazer-se passar por apaixonado, mas as quatro o repeliram, pelo menos, no início da conversa; a segunda mostrou-se ainda mais *sañuda* que a jovem Cassandra vicentina; para convencer a terceira, sobretudo, esmiuçou ele vaidosamente habilidades e haveres. Mas as razões da sanha e do auto-elogio eram outras: bem lá no fundo, ele queria pousada acolhedora e elas boas recompensas pela hospedagem; o entendimento era difícil, promessas leva-as o vento e as serranas não brincavam em serviço.

Com Juan del Encina e com Lucas Fernández (1474-1541) estamos talvez mais próximos de afinidades procuradas.

Na *Égloga representada en recuesta de unos amores* (*Cancionero*, 1496), conta-nos o primeiro como Pascuala, polidamente mas com firmeza, desenganou Mingo da intenção de a vir a desposar: nem prendas nem ostentação de saberes à moda da aldeia foram suficientes para a demover porque se guardava para amores de mais valia, neste caso, os de um escudeiro que não tardaria em chegar e com o qual se enleva em apaixonados arroubos.

Situação inicial idêntica se verifica numa *Farsa o quasi Comedia* e na *Comedia [...] hecha en lenguaje y estilo pastoril*, de Lucas Fernández. Na farsa,

³³ María Rosa LIDA DE MALKIEL, *Para la Génesis*, 48.

a pastora troca o pastor, que se desfaz em jeitos e trejeitos de prendado zagal, por um cavaleiro de quem perdidamente se enamorara, mostrando na escolha alguma semelhança com a sua antecessora (a de Encina); na *comedia*, porém, de desdenhosa, passa a enamorada e tudo termina a contento de todos, feitas as pazes com um avô exigente em matéria de dote do candidato a marido.

Pode haver elos e paralelos entre estes desdêns femininos e os da nossa sibila-pastora, mas sobre empréstimos directos nada podemos concretizar porque, se o prestígio do Arcipreste nas letras peninsulares não é para desprezar, a verdade é que o primeiro teatro (de Encina, de Fernández e de Gil Vicente) abunda em pastores rudes e jactanciosos (incluindo os que, depois de brigas e despiques, partirão para adorar o presépio em noites de Natal) e nem sempre as moças (curiosamente ausentes das primeiras dramatizações portuguesas) se mostram cordatas e complacentes.

O que acabamos de dizer não nos desobriga, porém, de necessários acrescentos sobre a figura de Salomão, uma das mais controversas do auto, já que nele têm alguns estudiosos centralizado o fermento cómico da peça (aquela referência às *treinta y dos galinas* foi-lhe fatal)³⁴, enquanto outros o entendem como uma espécie de versão quinhentista rústica (mas nunca ridícula) do bucólico amante do *Cantar dos Cantares*³⁵.

Que se não esquece essa ligação é evidente; Abraão tem o cuidado de no-la lembrar quando, interpellando o *sobrinho*, a todos recorda que os seus cantares todos eran profecias da beleza e da mansidão da Virgem³⁶, ensinamento esse, aliás, recorrente no nosso dramaturgo que, no posterior *Auto da Mofina Mendes*, onde uma vez mais escutamos previsões de Eritreia, de Ciméria e de Cassandra, ao seu inspirado poema dedica quase três belíssimas estrofes.

Mas também é evidente que, desta feita, nos espanta o seu espanto perante a reacção de Cassandra, a sua desistência argumentativa em prol de tias e tios, a sua forma canhestra de alardear bens e saberes, a sua perda de protagonismo em causa própria (as suas réplicas vão claramente enfraquecendo).

Temos, nao há como negar, um Salomão diferente do que o ligeiramente posterior teatro hispânico nos oferece, em textos como a *Farsa de Salomón*, de Diego Sánchez de Badajoz (finais do século XV—d. 1552), ou o

³⁴ Passo a fazer as citações de expressões do texto pela reimpressão fac-similada da edição de 1562 da *Copilaçam* de Gil VICENTE (Lisboa, 1928), ligeiramente alterando a grafia, mas mantendo o respeito pela fonética. O passo transcrito encontra-se em 9v.

³⁵ Este é o sentido do artigo de Stanislav ZIMIC referenciado na nota 1.

³⁶ *Copilaçam*, Xlv.

Auto de la Muerte de Adonias, incluído no *Códice de Autos Viejos*, peças centradas em facilmente identificáveis episódios do Antigo Testamento³⁷.

Sem muita convicção para arquitectar interpretações alegóricas, embora sem também lhes negar a validade, arrisquemos, para esta figura, uma sobreposição da sabedoria salomónica, da sabedoria que nos agarra pelo bom senso e pelo espírito prático, da sabedoria das muitas lendas que a propósito de Salomão corriam³⁸, à fogsidade lírica do poeta bíblico de alcance profetizador.

Este Salomão tem o siso suficiente para esfriar sonhos irrealistas, tem a resposta pronta para resolver assuntos do dia-a-dia corrente (*somos parentes ou quê?*)³⁹, mas não tem, neste texto, a visão rasgada de quem agarra os sentimentos e penetra nas sensibilidades.

Afinal, ele, como os familiares (?), está ainda distante da lei da Graça que a todos iluminará, confirmando, é certo, anteriores anúncios, mas desvendando interpretações que alteram substancialmente comportamentos. Cassandra tem, por ventura, alguma razão quando dos seus *desvarios* claramente se demarca.

Posto isto, resta-nos reafirmar a naturalidade da sua presença junto de Cassandra, seja porque todos os cruzamentos desta com as sibilas tradicionais estavam permitidos, como permitidos estavam os cruzamentos destas com a afamada rainha de Sabá, de conhecidos e não sempre irrepreensíveis laços com o rei Salomão, seja porque já houvera quem os fizera contemporâneos e coniventes e tal continuaria a verificar-se (neste ano calderoniano de 2000, merece uma carinhosa recordação o bellissimo auto *La Sibila de Oriente*, onde uma vez mais se aproximam as duas míticas personagens, Sabá e Salomão, num engenhoso trabalho de invenção argumental e de estilo com jus a aplausos de todos, e são muitos, os apreciadores do teatro barroco espanhol)⁴⁰.

Sigamos, porém, com Gil Vicente.

Um passo mais e o escritor, sempre despreocupado dessa coisa de somenos que é a cronologia, envolve-os num noivado ao gosto das famílias que se salda por um fracasso como tantos outros arranjados nas mesmas condições.

Não que os *parentes* de Salomão sejam gente antipática ou ignorante; são gente de fê fortalecida que, anos mais tarde, no *Breve Sumário da História de Deus*, o dramaturgo voltará a reunir, com David, como os grandes Padres da Escritura, depois de a Isaias se vir já claramente referindo, desde o *Auto dos Reis Magos* e ao seu saber regressando, por exemplo, no *Auto da Cananeia*. São

³⁷ Existe um excelente estudo sobre este texto: Mercedes de los REYES PEÑA, *El Códice de Autos Viejos. Un Estudio de Historia Literaria*, Sevilla, Alfar, 1988.

³⁸ Algumas dessas lendas estão compiladas em Pilar ROMEU, *Leyendas del Rey Salomón*, Barcelona, 1999 (em sefardita).

³⁹ *Copilaçam*, [8].

⁴⁰ Acima se referiu esta aproximação que a iconografia, não há dúvida, repetimos, parece consagrar.

gente que todo o teatro religioso quinhentista peninsular muito prezou, como dramáticas figuras os encenando ou como autoridades os incorporando em falas alheias.

Podemos mesmo assegurar que, passados não muitos anos (ou ainda em vida de Gil Vicente?), chegarão eles a ser figuras de primeiro plano na dramaturgia espanhola, como, aliás, sucederá com outros dos maiores vultos da antiguidade bíblica; uma amostragem desta escolha, encontramos-na no tal *Códice de Autos Viejos*, onde Adão, Abraão, Jacob, Sansão, David, Tobias e muitos outros dão título a autos e farsas que, infelizmente, pouco vêm à luz nos estudos de literatura dramática. Em Portugal, entre 1583 e 1589, por exemplo, lá nos aparecem em posição cimeira no *Passo de David e Berzabé*, de D. Francisco da Costa.

E Isaias (n. c. 760 a. C.) será, neste caso, o mais importante dos intervenientes masculinos porque Gil Vicente não esquece (disso sabia ele bem...) que ele fora o primeiro profeta do Antigo Testamento a clamar a boa nova do nascimento de um Messias-menino, um Emanuel a trazer a luz, a alegria, o júbilo, um Emanuel nascido de uma virgem e alimentado a leite e me⁴¹.

Com ele estará Moisés (século XIII a. C.) que, a acreditar-se, como era uso, na sua qualidade de autor do *Pentateuco*, nada ignorava sobre a criação do mundo e dos seres, pelo que dele havia naturalmente a esperar as palavras credíveis e tranquilizadoras sobre a aliança do homem e da mulher; aliança que, em cinquenta belíssimos versos (uma das mais longas réplicas do auto) reforça com os exemplos do companheirismo inquebrantável entre terra e céu, mar e serra, sol e lua⁴².

Aos discordantes pareceres em jogo, às *blasfêmias* de Cassandra e às simplesmente pragmáticas refutações dos seus oponentes, contesta ele com a solidez de uma doutrina inquestionável que enlaça o aprendizado da velha Lei com a defesa sacramental do matrimónio cristão. Só que, neste auto, de sátira e edificação, se as verdades escriturísticas se não negam, também os desajustes das práticas se não calam.

A cada um suas razões; Moisés não vai naturalmente negar evidências: no dia-a-dia, o casamento moderno está longe da fidelidade ao modelo por Deus idealizado para a inquebrantável união entre o homem e a mulher; por isso desiste de contra-argumentação às acaloradas censuras de Cassandra; mas, por isso mesmo também, porque isolado e longo, o seu meio-ponderado, meio-indignado discurso ganha peso na vertente pedagógica deste auto de Natal. Ele sabe o que diz, sem ignorar o que vê.

⁴¹ Assim eram interpretados ISAÍAS, 7, 14-16, 9, 2-7 e 11, 1-9.

⁴² *Copilaçam*, X.

De falas mais curtas, mas com o peso do seu inquebrantável perfil de homem de fé, o patriarca Abraão (século XX a. C.), corrige, interpela, admoesta e adora, funcionando mais como quem avaliza ditos alheios que como interlocutor com mensagem específica.

Assim se normaliza um múltiplo conversar onde cada um, à semelhança do que com as sibilas sucede, embora na concordância com os demais, se reserva, claramente, um papel diferenciador.

Profetas-lavradores, estes tios do pretendente rejeitado. Mas, porque Gil Vicente não precisa que lhe ponhamos coroa da glória da originalidade quando talvez a não mereça (muitas vezes a merece ele), apontemos que o procedimento de dobrar em aldeãos quinhentistas homens que a Escritura remetia para longes épocas vinha, pelo menos, de Juan del Encina que, na sua *Égloga II* (ou segunda parte da primeira, como querem alguns), de Mateus, de Marcos, de Lucas e de João, os quatro evangelistas canónicos, fizera pastores das terras salmantinas, a cada um deles cabendo, de modo particular, posturas e palavras que para o respectivo escrito bíblico remetiam.

E, por aqui não ficaríamos, se quiséssemos ir mais longe em documentação possivelmente posterior⁴³.

Uma dramatização de proveito e exemplo

Contacto feito com personagens e delineada, pelo menos, uma situação dramática, a do simpático pretendente tão ostensivamente reprovado, vale talvez a pena, até para de especulações de bom e mau agoiro saudavelmente nos resguardarmos, repetir por nossas próprias palavras, com uma ou outra despretençiosa adenda, o esquema estruturador do auto da *Sebila Casandra*, sabendo que já implacavelmente foram esclarecidos quantos alguma vez o puseram em dúvida, olhando-o como representação esfarrapada para que quem fazia os *aitos d'el-rei* se não furtasse a trabalho naquela distante noite de Natal⁴⁴.

É bem provável que, mais por instinto dramático que por obediência a preceitos, lá estejam as três partes que nos habituámos a detectar nas peças de

⁴³ No *Códice*, por exemplo, existe uma *Farsa del Sacramento* onde São Jerónimo, São Lucas, Santo Agostinhos e Santo Ambrósio figuram como pastores. Era ainda o disfarce pastoril que bem conhecemos de outro tipo de obras (?).

⁴⁴ A expressão caracterizadora do próprio poeta encontra-se, com é sabido no *Auto Pastoril Português*. A partir deste momento do trabalho, para mais nos aproximarmos do inesquecível engenho vicentino deste e de outros textos, passaremos a uma ortografia de época na nomeação de personagens. Ela é, aliás, mais pertinente para o respeito fonético que nos propusemos. Simplesmente, registemos que, nesta edição facsimilada, e como era comum no século XVI, essa ortografia não está fixada; assim, por exemplo, encontramos Eruthea e Erutea, Salamon e Salamão. Abraham e Abraão; fiz a escolha que melhor pontua o carácterarcaizante da linguagem vicentina.

teatro: o monólogo da Casandra a colocar a questão, o rodar da acção (se de acção se pode falar, é apenas por comodidade) com a presença sucessiva de outras *dramáticas* pessoas, o esperado remate com presépio armado e adoração.

A intervalar os núcleos dramáticos (que, como veremos, não coincidem com as partes indicadas), a música que contagiaria actores e espectadores num mesmo regozijo de aguardar a vinda à terra do Deus-menino.

Podemos até agrupar, desde já, algumas observações sobre as cantigas que animariam o espectáculo, mesmo sem devidamente as distinguir porque ainda os entendidos não conseguiram (consegui-lo-ão?) caracterizar satisfatoriamente cada modalidade de *per si*. Uma coisa é certa: são cânticos populares e alegres, embora diversificados na alegria, que ampliam a vitalidade dos dizeres, saudam entradas ou pluralizam a sedução dos ambientes. O número de vozes vai aumentando até ao final apoteótico com todas as figuras em cena a convidarem os espectadores para uma saída regulada por cadências e letras com gosto de boa-nova.

Sai Salamon e canta Casandra sozinha, confirmando o seu apego ao celibato, com *repetição musicada* de razões, uma composição de estribilho e três sextilhas, firme na sua teimosia de um *Dicen que me case yo; / no quiero marido, no*⁴⁵.

Assim se fingiu o passar do tempo para a chegada das tias que, adivinhamo-las bem dispostas, pisam o tablado em chacota⁴⁶; desta não temos a letra, não temos o som, nem deles teríamos muita necessidade porque ainda no nosso ouvido está o anterior trautear de Casandra.

Com ela (não é de crer) e com Salamon (?), serão entre três e cinco vozes em coro.

Nova partida do desditado noivo e novo regresso, desta feita com Esaias, Moysen e Abraham, e aqui, sim, informam-nos que vêm cantando todos *quatro de folia* uma cantiga⁴⁷. Mote e volta de sete versos. Ao corrente da recusa de Casandra, mas sempre optimistas e galanteadores, tornam-se eles presença teatral com versos que podemos transcrever:

Sañosa está la niña!
ay Dios, quién le hablaría!

Volta

⁴⁵ *Copilaçam*, 9. Desta cantiga, tenho gravação, com um belo arranjo orquestral de um agrupamento hispano-americano, cedida por uma colega mexicana a quem agradeço.

⁴⁶ *Copilaçam*, 9.

⁴⁷ *Copilaçam*, X.

En la sierra anda la niña
 su ganado a repastar;
 hermosa como las flores,
 sañosa como la mar.
 Sañosa como la mar
 está la niña:
 ay Dios, quién le hablaría⁴⁸.

Lá mais para diante, acabada, depois de muitas e, julgaríamos nós, inúteis delongas em bons conselhos, a profecia de Eruthea, sem outra transição, *Abrem-se as cortinas onde está todo o aparato do Nascimento e cantam quatro Anjos*⁴⁹ (quatro Anjos como na *Barca da Glória* e na *Mofina Mendes*; quatro serão os Cavaleiros na *Barca do Inferno*, quatro os Doutores na *Alma*, quatro as Virtudes na *Mofina*); muda o ritmo, muda o tom, mudam os cantores; a cantiga é de embalar; um *ro, ro, ro*⁵⁰, em cada uma das três estrofes (cinco, sete e cinco versos), onde o deslumbramento pelo Deus Redentor se matiza na ternura pelo choro infantil que entristece a solícita mãe, garante a tranquila pausa para a mudança: o espectador volta-se lenta e afectuosamente para o presépio armado e com Moyssem, Cimeria e Esaias, prepara-se para a adoração.

Só que, de imediato, a estes três se juntam os restantes actores, uma vez mais *cantando em chacota*⁵¹, com letra que voltamos a desconhecer mas imaginamos semelhante a outras que noutros autos vão pontuando as chegadas ao presépio. De resto, a partir deste momento e até nova cantiga que nos é apresentada como *feita e ensoada pelo autor*⁵², será o próprio texto vicentino que, apoiado, como veremos, num fundo de antigos versículos religiosos, em parte se converte em melodiosa laude de grata veneração às figuras expostas

A tal cantiga do autor é cantada e bailada de *terreiro de três por três*⁵³ (como se agrupariam as oito personagens?) e é tão bonita que apetece mais transcrevê-la que comentá-la, até para que os nossos olhos se prendam ao seu contraste com a da *niña sañosa*; é que Casandra e a Virgem são as duas fisicamente belas, mas a beleza da Virgem tem de ser sempre mais completa; paralelamente, à sanha da pastora-sibila, tem de opor-se a serenidade meiga da mãe de Jesus (faz parte do aprendizado a reter). Aqui a temos indirectamente retratada:

⁴⁸ Copilaçam, X.

⁴⁹ Copilaçam, XII.

⁵⁰ Copilaçam, XII.

⁵¹ Copilaçam, XIIv.

⁵² Copilaçam, XIII.

⁵³ Copilaçam, XIII.

Muy graciosa es la donzella.
Cómo es bella y hermosa!

Digas tú, el marinero,
que en las naves bivías,
si la nave o la vela o la estrella
es tan bella.

Digas tú, el cavallero,
que las armas vestías,
si el cavallo o las armas o la guerra
es tan bella.

Digas tú, el pastorzico,
que el ganadico guardas,
si el ganado o los valles o la sierra
es tan bella.⁵⁴

Para terminar, não fica mal um apelo de todos *a la guerra*, porque, afinal, esta guerra, se tem algo a ver com uma luta concreta das muitas que por então os portugueses levavam a cabo, também pode funcionar como apelo ao bom combate cristão, que os *ángeles sagrados* acompanham e que *Dios y hombre* sanciona para um sempre certo triunfo; em unísono, público e representantes, legaram-nos esse apelo em versos enérgicos de que, como melhor nos aprouver, nos poderemos assenhorear⁵⁵

Dissemos das cantigas, diremos das palavras.

No primeiro segmento dramático, sem que ao espectador se dirija, em monólogo que é o único do texto, Casandra auto-apresenta-se, descortinando parcialmente um *argumento* em que, para si, reserva lugar de destaque e decisão. Se o leitor teve, a partir de 1562, acesso a uma didascália que lhe conta da sua presunção de ser a mãe do Salvador, a verdade é que o espectador, sobre tal vaidade, podia não estar informado, como também é verdade que essa

⁵⁴ *Copilaçam*, XIII.

⁵⁵ *Copilaçam*, XIII. também, no *Auto da Mafina Mendes*, encontramos apelos a *crua guerra* aos *imigos*; o sentido é meramente espiritual.

mesma didascália nem sequer ao leitor desvenda o nó do problema. Estavam (estão?) pois criadas as condições para o interesse por uma intriga.

Em duas estrofes, que podem constituir aquilo a que, à falta de melhor, rotulámos de introdução, a protagonista, a que estará sempre em cena até ao desenlace, e baptiza a representação, como que prosseguindo anteriores pressões e convicções, *ameaça* fazer finca-pé em estudada deliberação de furtar-se ao casamento, ousadamente se justificando: não há *pastor nacido* que a mereça nem ela quer *su libertad* cativar, quedando com o matrimónio *abatida y sujuzgada* ⁵⁶.

Desembaraçada e combativa, desde logo desperta em quem a ouve (sobretudo se é mulher...) desencontradas reacções: censura para a evidente arrogância e compreensiva simpatia pelo desmascarar irónico da podridão dos matrimónios da época.

Pelo que atrás comentámos, a propósito de uma longa réplica de Moyssem, está bem claro no nosso espírito que a crítica nunca será suficientemente rebatida, pelo que a sua validade fica de pé, mesmo quando a jovem se arrepende do infeliz pressentimento de vir a ser a Virgem eleita, e pelo que o auto pode constituir *corpus* com outros como a *Feira*, a *Inês Pereira* ou a *Índia* para um sorriso malicioso perante as dúvidas vicentinas sobre o bem viver conjugal.

Se, antecipando um pouco o que a seguir vamos escrever, repetirmos, palavra a mais, palavra a menos, o rol já organizado das reservas contra o casamento espraçadas pelo texto, teremos esta preciosa lista:

- superioridade dos dotes femininos
- perda da liberdade
- penas continuadas
- brevidade do contentamento
- defeitos dos maridos
- rixas domésticas
- cativo em casa
- fraqueza da mulher nas contendas conjugais
- ciúmes e inquietações
- dores da maternidade
- homens brandos que se tornam bravos
- incompreensão das atitudes da mulher (quer fale, quer esteja calada)⁵⁷.

Com o desenrolar do corpo central da obra, o protagonismo de Casandra começa a esbater-se, não simplesmente porque mais personagens

⁵⁶ 56. *Copilaçam*, [8].

⁵⁷ Margarida Vieira MENDES, *Cassandra*, 9-10.

animam a representação, mas porque as suas falas, não raro quase ditas para o público, ganham importância como ensinamentos que prepararão o final. Preferenciando um esquema tripartido, o autor conduz-nos sucessivamente a um diálogo Casandra-Salamon (dezanove réplicas da protagonista, uma das quais muito longa), a um colóquio Casandra-Salamon-tias de Casandra (oito réplicas desta) e a um debate Casandra-Salamon-tias de Casandra-tios de Salamon (cinco réplicas de Casandra, uma particularmente extensa e convincente).

Jogos de provas e contra-provas, pró e contra o casamento, pró e contra a integridade de Casandra para mãe do Salvador, preenchem avisadamente as três unidades textuais, graduando o espírito e a linguagem corriqueira de muitos versos com o tom elevado de outros, o pensar chão e a experiência comezinha com a justificação acreditada, a cultura com a natura, o saber pagão com o saber judeo-cristão.

Regressemos, porém, por momentos, às desgraçadas pechas matrimoniais para, sobre elas, uma vez mais *deambular* por caminhos em que podem desembocar.

A polémica em torno do *casar ou não casar*, eis a questão, vem de longe e tentou moralistas, poetas, contistas, dramaturgos. Há quem lhe descubra as raízes na Idade Média Latina e, tudo leva a crer, com muita razão⁵⁸; como sátira de costumes seduziu gente de tanto renome como os franceses Rutebeuf (m. c. 1285) e Rabelais (1494?-1533).

No entanto, até ao século XVI, era sobretudo a malícia das mulheres que se transformava em matéria de galhofa e ocasião para conselhos de boa e má fé. Se mais longe não quisermos ir, basta-nos passar os olhos pelas nossas cantigas de escárnio (onde, contudo, também há troças aos homens) e pelas composições do *Cancioneiro Gera*.⁵⁹

Não resisto, neste contexto, a um rápido apontamento sobre as delícias de *Les Quinze Joies de Mariage* (c. 1450), obra-prima da literatura medieval francesa convertida em descrição cheia de humor das desavenças e enganos conjugais⁶⁰

Quinze capítulos e uma conclusão, *quinze joies* que, embora uma a uma gozosamente esmiuçadas, se regem por linhas mestras de fácil averiguação.

⁵⁸ Ernest Robert CURTIUS, *Literatura Europeia e Idade Média Latina* (trad.), Rio de Janeiro, 1957, 161.

⁵⁹ Ler Mário Martins, *O Riso, o Sorriso e a Paródia na Literatura Portuguesa de Quatrocentos*, Lisboa, 1978.

⁶⁰ I. S. RÉVAH, *L'Auto de la Sibylle Cassandre*, 161, chama a nossa atenção para o parentesco da parte inicial do auto com as *joies de mariage*.

Se não sabíamos, ficamos a saber que a mulher é, por natureza, pelo menos, vaidosa, despesista, leviana, hipócrita, má educadora, avessa a desgostos; o homem, neste caso, o marido, esse, coitado, sempre (ou quase) nela acredita, por ela chegando a desbaratar fazenda, honra e saúde, envelhecendo enquanto ela se remoça, perdendo amigos e parentes enquanto ela se rodeia de companheiras, familiares e cúmplices.

Não perde o tempo quem se dispuser a saborear compassadamente a lista de penas que o autor com muita graça e alguma perspicácia (?) vai encadeando, alternando as dos recém-casados com as dos pais de filhos, as dos ingênuos com as dos vencidos pelos anos, as dos que desesperadamente tentam manter o estatuto de *senhores da casa* com as dos que depressa desistem de se fazer obedecer.

No entanto, para quem não tiver possibilidade de tudo ler, aqui se oferece uma sugestão: percorram-se as *joies* 3, 5 e 11 e ficar-se-á a par das manhas da mulher grávida, das habilidades para recusar relações sexuais (porque, evidentemente, elas existem fora do matrimônio), dos enredos para arranjar marido quando o filho de outro vem a caminho⁶¹.

O nosso Vicente, porém, espicaça os varões e não as donzelas; os gozos lá estão, mas, desta feita, os culpados são eles e não elas.

Estaremos perante uma prova cabal da sua forma arrojada de reparar (e não calar) no que se passa à sua volta, de desvendar, doa a quem doer, pecados, pecadilhos e pecadões? Por que não? Ele era mesmo assim, desta lavra feito e deste material esmaltado.

Mas, se quisermos, também podemos admitir que a tradicional inferioridade feminina começava a ficar fora de moda, que a literatura didáctica sobre o casamento se ia modificando, ensinavam Vives (1492-1540) e Erasmo (1466?-1536, quase contemporâneo do dramaturgo), que na corte de D. Manuel (e no mosteiro de Xabregas) havia mulheres cultas e desobrigadas da tutela conjugal.

Indo um pouco mais longe, talvez possamos admitir o despertar de uma atmosfera que, décadas mais tarde, justificaria o *Espelho de Casados* (1540), de João de Barros, com pertinentes observações sobre a verdadeira psicologia feminina, ou o ainda mais feminista tratado de Rui Gonçalves, *Dos Privilégios e Prerrogativas que o Género Feminino tem* (1557), escritos ambos, naturalmente de uma sisudez a que o auto vicentino não aspirava. Só que a mordacidade, ainda por cima, em tempos menos *humanistas*, também ajudaria a corrigir os costumes. Terá ajudado?

61 Fiz a leitura do texto pela versão antiga incluída em *Poètes et Romanciers du Moyen Âge*, ed. de A. PAUPHILET, Paris, 1952.

Destrinça feita dos desprazeres matrimoniais, voltemos à Sibila para, de outras destriças, rapidamente nos ocuparmos.

No diálogo entre os prometidos, Salamon, já atrás o demos a entender, fica longe de Casandra em finura de entendimento; para ele não há justificações fora do alcance de um qualquer rústico bem intencionado (por isso houve os tais estudiosos que, justa ou injustamente, o atiraram para o campo das personagens cómicas); se não há entre os dois parentesco impeditivo, se as famílias estão de acordo, se ele pode até orgulhar-se de *bien aparentado* e de *abastado*⁶² (ficou marcada a semelhança com os pastores das églogas salmantinas e dos autos de estreia de Gil Vicente), para quê dilatar a data da ida à igreja?

Bem menos correntio é o raciocínio de Casandra que tem planos independentes dos desejos familiares, que, pressentimo-lo, guarda algum segredo grave, que, na repetição estilística dos seus *no*, faz prevalecer o seu direito à recusa, que às falas curtas e pouco elaboradas de Salamon sabe até contestar com um longo arrazoado nascido da atenta observação do que à sua volta vê os desaguizados entre os esposos, os ciúmes mútuos, a socialmente consagrada *moleza* da mulher.

A aproximação de Cimeria, de Peresica e de Eruthea não modifica de imediato este desequilíbrio de linguagens; Casandra mantém o seu anterior registo de quem não lança palavras ao vento (*pienso en al...*)⁶³ e rejeita imposições, as tias, por seu turno, prolongam a conversação terra-a-terra de Salamon, louvando as qualidades do jovem e mostrando que, para o mundo continuar mundo, as mulheres têm de receber marido.

A grande diferença vai ser introduzida pela vinda dos profetas; se, de início, com a tentativa de aliciamento através dos presentes, eles simulam uma continuidade do falar singelo, em seguida irão usar de uma muito mais cuidada expressão e, em boa parte, com ela contaminar as falas das sibilas; Moysem e Esaias sobretudo, com o respaldo do *Génesis*, o primeiro, e com outros ensinamentos velho-testamentários, o segundo, trarão para o auto a *palavra* literariamente adornada e a intensidade lírica que faz um dos seus encantos.

Quando, já cientes e espantados todos com o mistério das negaças de Casandra (só então se desfaz a curiosidade do espectador), o profeta se adentra pelos louvores à Virgem, o texto quase se desliga de anteriores prosaismos e, anaforicamente abençoada a *humildosa*⁶⁴ mãe do Senhor (Deus ama os

⁶² *Copilaçam*, [8].

⁶³ *Copilaçam*, 9v.

⁶⁴ *Copilaçam*, Xlv.

humildes e menospreza os soberbos), faz-se incansável testemunho das virtudes incontestadas de Maria.

Assim ficava, de certo modo, anunciado o registo laudatório e impetratório da última parte do auto que pouco viria a tardar.

Abre-se uma cortina, cessam as disputas (como era já habitual nestas celebrações do Natal), as personagens da história sagrada dão vida às imagens de um presepiozinho; em conjunto, todos adoram o Menino e a sua bendita mãe, a olharem eles na direcção do Senhor, a olharem elas na direcção da Senhora; convictos eles de terem diante de si alguém que é Deus e homem, pastor e cordeiro imolado, Messias prometido e desprotegido recém-nascido, a quem se perde perdão das faltas; convictas elas de terem diante de si a filha, mãe e esposa de Deus, a *stella matutina*, a rosa e blanca flor, a sempre virgem que intercede pelos suplicantes.

Para a rusticidade de Salamon deixou de haver lugar (a sua única fala tem o tom respeitoso de quem sabe dirigir-se ao menino Deus), para Casandra apenas uma réplica, a que ostenta o arrependimento de quem não ousa pedir nada a não ser a intercessão.

Casandra que perdeu o protagonismo anterior porque outra mulher mais humilde mereceu uma dita que o seu orgulho nunca permitiria. Louca ela, como muitas vezes lhe chamaram os seus, também, quem sabe, eles com um pouco de loucura (ela apontara-lhes os *desvarios*) porque a verdadeira sabedoria estava por então a chegar.

Para a Virgem se guardam, pois, os derradeiros acertos líricos, metaforizados nos perfumes, nas flores e na luz ao modo do Cântico dos Cânticos, aqui e ali repassados pela vibração do *Magnificat* e pelas saudações da *Avé-Maria*, enlaçados a salmos de liturgias de Nossa Senhora que os assistentes traziam nos ouvidos, e reconheciam no novo arranjo que alguém muito dotado lhes dava naquele Natal de 1513.

Não como um (legítimo) derrame inorgânico de louvores e preces, de expansões desarticuladas ou fragmentadas, reconheçamos; um dramaturgo como Gil Vicente dá o seu a seu dono até ao fim, mesmo quando está comovido e quer comover.

Antes e depois da descoberta do presépio, nesta peçazinha ao nascimento de Jesus.

E, se do depois, da adoração ao menino e a sua mãe, fomos, talvez, dizendo o fundamental, ainda algo importa pormemorizar sobre o discurso celebrativo anterior.

Abre-o Eruthea com a serenidade de quem se limita a revelar algo do que sabe (o presépio, os pastores, os reis magos) e ela mesma o encerra grave e compassadamente com o solene inventário dos sinais do juízo final, sinais bem diferentes, aliás, dos que em textos anteriores encontrámos, sinais que se percebem auscultando as almas, não receando temerosas estranhezas no

universo visível; chegados a um insuportável limite, as ofensas a Deus, a perda das grandes virtudes (a lealdade, a verdade, a bondade), a multiplicação das injustiças, a ambição do terreno, o esfriamento da fé, o triunfo da presunção e outros semelhantes males perderá el mundo la vida, e, quanto mais seguro se julgar, *en aquel tiempo se crea, / que ha de ser todo abrasado*⁶⁵.

Num ambiente humanizado, como o do *Auto da Sibila Casandra*, muito mais fundo calam estes anúncios que os (alegóricos?) indícios de um terrível e aparatoso julgamento. E a crítica social marca uma vez mais presença, antes de encerrar-se o espectáculo.

Outra réplicas tem Eruthea ao longo do excerto, mas algumas das mais substanciais pertencem, agora, a Cimeria e a Esaias, a sibila e o profeta que mais sabem do nascimento, cada qual à sua maneira.

Ela dá contas de um sonho e do que nele viu (o verbo *ver* repete-se significativamente nas suas falas): a virgem-rainha, resplandecente como o sol e coroada de estrelas, rodeada de anjos e de donzelas, a virgem guerreira (uma profecia atribuída à sibila Cumana?), com elmo e arnês, armada contra Lucifer. Ele dá contas do que está *escrito*, sem se assumir como sujeito de qualquer visão: Maria é o contrário de Casandra porque é humilde, é a formosa a que a natureza inteira se submete, é, e note-se o tom de quem quer propagar uma certeza de fé, a mulher engendrada sem pecado (a de Imaculada Conceição, que, para ser venerada, não teve de esperar pela *legalidade eclesial*).

Ele e ela diferenciados, ele e ela aliados na exaltação da mulher *sem par*, na doçura da mãe que vela o recém-nascido, na combinação da alegria que vem de cima com as mágoas que a vida traz, mágoas de que também falará Peresica, ao adiantar notícias funestas dos açoites e da coroa⁶⁶.

De Xabregas a Évora, passando por Espanha

É muito pouco, é quase nada o que pude apurar sobre representações do *Auto da Sibila Cassandra*. Fica-me, porém, a esperança de que, neste afortunado regresso a textos vicentinos, que temos acompanhado nas últimas décadas, ele venha de novo a espicaçar a curiosidade atenta dos nossos encenadores⁶⁷.

⁶⁵ *Copilaçam*, XII.

⁶⁶ *Copilaçam*, XI.

⁶⁷ Importa realmente reconhecer que muitos autos de Gil Vicente têm subido à cena nos últimos anos; no momento em que escrevo, representam-se no Porto, no Teatro Nacional de S. João, as *Barcas*, com modernizadora dramaturgia (aguardo a oportunidade de uma reposição), em Lisboa, no Teatro da Cornucópia, *Amor/Enganos*, um extraordinário espectáculo com base na *Frágua de Amor* e na *Floresta de Enganos* e o Centro Dramático de Évora mostra, no Alentejo, o *Pranto da Maria Parda*. Isto, independentemente de outros espectáculos para as escolas que vão percorrendo o país.

Sei que tentou (e bem) o Centro Dramático de Évora em 1996, com encenação de Rosário Gonzaga e Vitor Zambujo, em tradução de Mário Barradas; sem quebrar ou enviezar o percurso pelo texto integral, o grupo eborense, já com provas dadas na afeição ao teatro vicentino (*Físicos e Farelos*, 1990, *Lusitânia*, 1993, *Índia*, 1994) preocupou-se com a salvaguarda da sua intemporalidade, privilegiando a adequação das mensagens proféticas de outrora a proféticas mensagens deste virar de século.

Quatro anos antes, diferente fora o procedimento da Companhia de Teatro de Sintra que se resolvera por uma montagem de sequências da *Sibila Cassandra*, da *Comédia da Rubena* e do *Auto Pastoril Português*, numa produção teatral intitulada *A Fé nos Amores*, com dramaturgia de J. Marona Beja e encenação de José de Melo Alvim e Rosália Maçã.⁶⁸

Escrito em espanhol, é provável que em Espanha, onde Gil Vicente é naturalmente apreciado e estudado, como grande dramaturgo peninsular que é, seja possível recolher testemunhos de sua subida à cena, mas, realmente para tal investigação não sobrou o meu tempo. Apenas casualmente, bafejada pela sorte, encontrei na Biblioteca Nacional de Lisboa, a notícia de um espectáculo em Barcelona, pelo Natal de 1940, na antiga Plaza del Rey Nela se insiste, de modo especial, na simplicidade bem conseguida dos recursos cénicos e na qualidade da música para o efeito composta pelo maestro Antonio Planàs e atestada (tanto quanto isso é possível) pela apresentação das pautas⁶⁹.

Outras sibilas, aliás, têm os encenadores espanhóis à sua disposição: uma, por exemplo, está na *Farsa del Juego de Cañas*, de Diego Sánchez de Badajoz⁷⁰, e preside a uma justa entre vícios e virtudes que, em cena, se não vê, mas por um pastor e por uma pastora é comentada; houve quem a fizesse descendente da nossa Cassandra (há na peça uma fusão do *Canto da Sibila* com a *Ordo Prophetarum*) e, por isso, a não quisemos silenciar, mas a crítica vem, de há uns anos a esta parte, desfazendo o relacionamento⁷¹; outra é mais tardia (1636? 1637?), é *A Sibila do Oriente*, de que já demos notícia, a rainha de Sabá, a mulher sábia, vinda de entre os gentios, que encontra a árvore da cruz, a

⁶⁸ Estes elementos foram-me cedidos pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. Consegui, complementarmente, um contacto com Évora, mas (ainda) não com Sintra.

⁶⁹ *Representación del Auto de la Sibila Casandra*, Barcelona, Archivo Histórico de la Ciudad, 1941.

⁷⁰ Auto incluído na *Recopilación en Metro del Bachiller Diego Sánchez de Badajoz [...]*, Sevilla, 1554.

⁷¹ Ler Frida WEBER DE KURLAT, *Gil Vicente y Diego Sánchez de Badajoz. A propósito del Auto de la Sibila Casandra y de la Farsa del Juego de Cañas*, in *Filología*, IX, Universidad de Buenos Aires, 1963.

árvore que sangra, chora e sofre, e se torna porta-voz de revelações divinas, numa época em que Salomão conjuga esforços para a edificação do grande templo de Jerusalém.

Regressando, então, a *Cassandra*, lembremos que a sua primeira representação teve lugar no mosteiro de Xabregas, uma vez mais por iniciativa da Rainha Dona Leonor, desde 1502, protectora do dramaturgo.

Os seus estudiosos não deixaram de reflectir sobre possíveis trajes e cenário. E, se todos estão de acordo no que a este respeita (o mesmo espaço em duas partes separado por uma cortina), um tanto se dividem no que com o vestuário tem a ver, mais colados uns às notas didascálicas que a todas as personagens se referem como pastores e lavradores, mais inclinados outros para marcas identificativas de sibilas e profetas; resta, ainda assim, a hipótese intermédia (mas pouco tentadora) de gente do campo com insígnias caracterizadoras, apesar de nos faltarem para elas informações que o autor não omite em tantos outros autos. Mas sobre tudo isto, de hipóteses não passamos, como de hipóteses não passamos ao tentar circunscrever o lugar da exibição (capela?).

Quando irão largar-nos as inquietações?

Uma coisa é certa, no convento de Xabregas se divertiram e instruíram, naquele Natal de 1513, aquelas nobres freiras e senhoras recolhidas que a rainha tão de perto acompanhava. E sobre ele muito escreveu Frei Jerónimo de Belém, o incansável cronista da Ordem Seráfica.⁷²

Contentemo-nos, então, com algumas palavras suas para de todo nos não alhearmos do *moderno* edificio escolhido para tão graciosa representação e que, por desgraça do desgraçado terramoto de 1755, não podemos visitar (curioso que lá está hoje o Teatro Ibérico):

Nas margens do celebrado Tejo, à parte oriental da cidade de Lisboa, e em pouca distância do nosso convento de Xabregas, se achavam umas casas tão nobres, como proporcionadas para fundação do mosteiro, que ali mandou fazer Álvaro da Cunha; e nelas vivia sua mulher Dona Ignez, como em solidão pela sua viuvez. Muito à sua satisfação lhe fez compra delas a generosa rainha, com as hortas, que lhes pertenciam, chamadas da *Concha*. [...] Fez a rainha a compra destas casa e hortas no ano de 1509, mas como já no antecedente havia suplicado a licença da Sé Apostólica, no próprio ano lhe asignamos o princípio desta fundação. [...] Tanto calor deu a rainha fundadora à fábrica do mosteiro, que tendo este a possível comodidade para entrarem as primeiras religiosas, em 23 de Junho de 1509 se deu princípio à igreja, que hoje é o capítulo, a qual

⁷² Fr. Jerónimo de Belém, *Crónica Seráfica da Santa Província dos Algarves, da Regular Observância de Nosso Seráfico Padre S. Francisco*, 1755. Actualizo relativamente a ortografia, conservando a fonética.

benzeu D. Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, em 18 de Julho do mesmo ano, com a solemnidade, que pedia um acto tão luzido⁷³.

3ª e última inquietação

Se quisermos, continuemos a ser gente do *tudo vale a pena/que a alma não é pequena*; se não, convenhamos que nada do dito valeu a pena.

Estou certa de que, longe de apoucarem a imaginação de Gil Vicente ou de roubarem credibilidade a estudos sérios, novas pesquisas (e o ano 2002 bem pode ser ano vicentino, por direito) nos ajudarão a ampliar os saberes, a arte de adoptar e de adaptar quanto lia ou prazenteiramente observava o nosso invejável dramaturgo.

Quando menos se espera (mas se vai procurando) as surpresas vêm. Já me aconteceu com a parentela da *Nau d'Amores*.

Para o *Auto da Sibila Cassandra*, tenho pistas, mas, por enquanto, isso é segredo...

Maria Idalina Resina Rodrigues

Abstract:

The article attempts to be a starting point for a deeper study on the Auto de Sibila de Cassandra. Once the legendary characters of the sibyls and Cassandra of Troy are introduced, the author analyses the way in which the playwright takes advantage of them and poses some questions about the ways within his reach to encounter them and bring them to this nativity play.

⁷³ Fr. Jerónimo de Belém, *Crónica*, livro XIII, cap. II, 2-3.

